

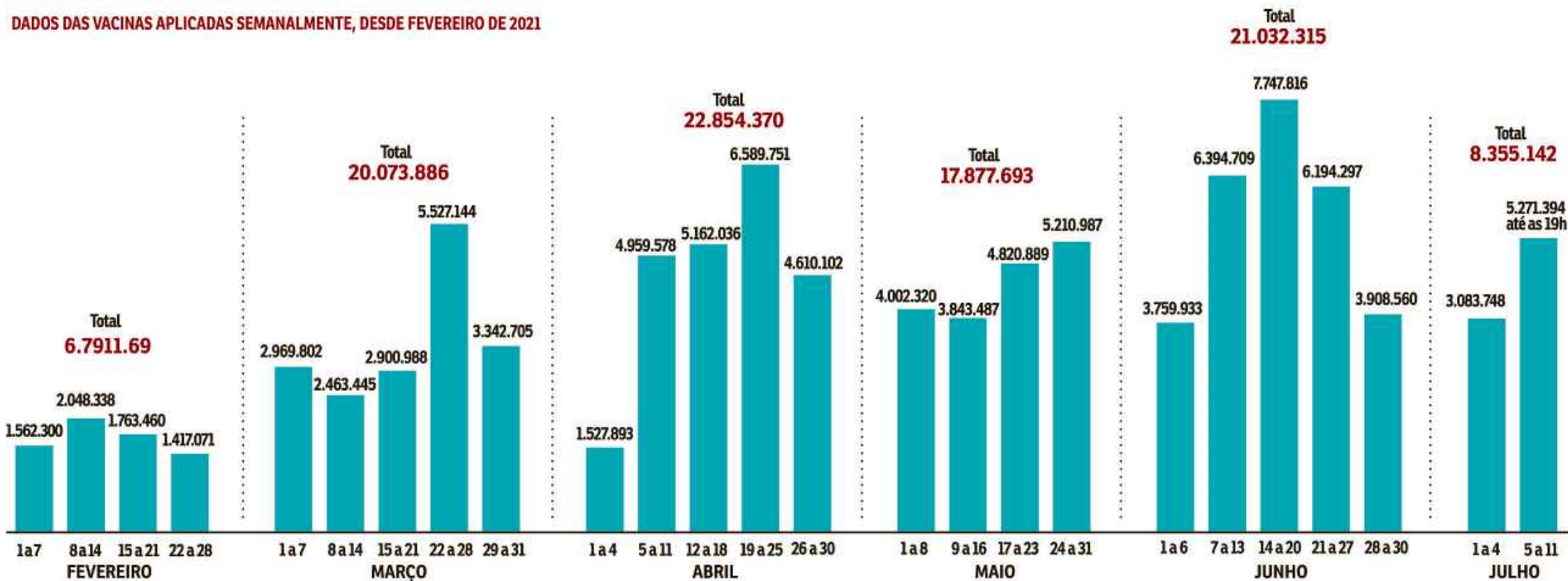


Vacinômetro

Até 11 de julho, 83.740.913 brasileiros receberam a primeira dose da vacina contra a covid-19, cerca de 39,55% da população. A segunda dose do imunizante, ou dose única, foram aplicadas em 30.511.963 pessoas, o que representa 14,41%.

Segundo os dados do portal Coronavírusbrasil, até as 18h27 de ontem, foram aplicadas 114.552.876 doses das vacinas contra o coronavírus.

DADOS DAS VACINAS APLICADAS SEMANALMENTE, DESDE FEVEREIRO DE 2021



Mais de 114,5 milhões de pessoas já foram imunizadas. Cerca de 83 milhões receberam a primeira dose e mais de 30 milhões a D2 ou a dose única dos imunizantes autorizados pela Anvisa. Desde março, cerca de 20 milhões de pessoas são vacinadas por mês

Estados aceleram vacinação

» IZABEL PEREIRA

Brasil tem mostrado tendência de aceleração nos números de aplicação das vacinas contra a covid-19. De acordo com dados do Ministério da Saúde, de sábado (10) até ontem foram aplicadas 917.932 doses dos imunizantes.

Desde janeiro, 83.740.913 pessoas já receberam a primeira dose de uma das vacinas disponíveis no país, cerca de 39,55% da população. Outros 30.511.963 brasileiros já estão com a imunização completa, com a aplicação da D2 ou da dose única. O número equivale a 14,41% da população. Até o último boletim, divulgado às 18h27 de ontem, 114.552.876 pessoas foram vacinadas.

A Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa) autorizou a utilização de quatro imunizantes no país: CononaVac, AstraZeneca, Pfizer/BioNTech e Janssen, único disponível em dose única.

De acordo com o governo, todos os 28 grupos prioritários, definidos pelo Plano Nacional de Operacionalização da Vacinação contra a Covid-19 (PNO),

foram atendidos com, ao menos, uma dose do imunizante. Ainda segundo a pasta, o marco foi atingido com o início da distribuição de mais 3,3 milhões de doses de vacinas da covid-19, que foram repassadas para os estados na última quinta-feira (8).

Ainda segundo a pasta, um lote de 2,4 milhões de doses da vacina da Pfizer/BioNTech foi destinado para a primeira dose de trabalhadores industriais e para pessoas de 55 a 59 anos, fora dos grupos prioritários. Outras 937 mil doses da CoronaVac/Butantan também foram encaminhadas para a primeira e segunda dose da população em geral de 55 a 59 anos e para a vacinação de 100% dos trabalhadores da limpeza urbana e manejo de resíduos. Com isso, todos os grupos prioritários definidos inicialmente no PNO foram contemplados.

Alguns estados têm ampliado a faixa etária de vacinação, como é o caso de São Paulo, que ontem anunciou a antecipação da vacinação dos adultos com 18 anos ou mais. De acordo com o novo calendário, o grupo receberá, pelo menos, a primeira



» "Estou vivo"

Reprodução/Instagram



Internado desde o dia 23 de junho, o ator Luciano Szafrin publicou, na tarde de ontem, um vídeo curto nas redes sociais. "Preciso mostrar que estou vivo", disse o empresário, que apresenta melhora no estado de saúde.

dose do imunizante até 20 de agosto. Além do adiantamento, o governo paulista anunciou que a partir desta data (20 de

agosto) começará a vacinar também jovens de 12 a 17 anos, dando prioridade aos que apresentavam alguma comorbidade.

Até agora, São Paulo imunizou 46% da população do estado com a primeira dose e 16,64% com a segunda ou com dose única, totalizando mais de 28,655 milhões de vacinas aplicadas.

Imunização completa

Para a médica infectologista e virologista Nancy Bellei, além de adiantar o calendário, é preciso assegurar que os grupos prioritários foram contemplados. Segundo ela, para que a população acima de 50 anos seja protegida, é necessária a correta aplicação das doses recomendadas para cada vacina.

"Nessa faixa etária, a incidência de comorbidades é maior. Para cada 10 anos a mais (de idade), aumentam as chances de se ter alguma comorbidade, assim como as chances de internação médica" alerta. "Não há estudos que comprovem a eficiência das vacinas quando aplicadas apenas uma dose. Até então, a única aparentemente segura, de única aplicação, é a da Janssen".

De acordo com a infectologista, estudos mostram que no decorrer do tempo os anticorpos gerados por vacinas caem, o que pode permitir que o vírus ganhe resistência, caso a aplicação da segunda dose não seja feita no

período correto. "Com o passar do tempo os anticorpos vão caindo podendo atingir um nível de subproduto. Quanto menos anticorpos são colocados, maiores são as chances de o vírus criar resistência. O coronavírus pode achar brechas para desenvolver novas cepas", conclui.

A vacinação contra covid-19 teve início em janeiro. Em fevereiro, foram imunizadas 6.791.169 pessoas. Em junho, foram mais de 21 milhões de doses aplicadas, e até a tarde de ontem, os dados do governo totalizaram mais 8.355.142 de vacinas aplicadas apenas no mês de julho.

Covid-19

Neste domingo foram registradas 597 mortes por covid-19 e, segundo dados do Conselho Nacional de Secretários de Saúde (CONASS), o país atinge o menor patamar desde o dia 2 de março. Ao todo, o Brasil contabiliza 533.546 óbitos pela doença e fica atrás apenas dos Estados Unidos. O número de novos casos registrados foi de 20.396. Já a média móvel de novas infecções teve queda de 33% em comparação há duas semanas e passou a ser 45.701. Desde o início da pandemia, 19.086.184 pessoas já se infectaram com o novo coronavírus no Brasil.

CRISE HUMANITÁRIA

Pandemia agrava situação de refugiados

» THAYS MARTINS

Ser forçado a deixar tudo para trás e tentar a vida em outro lugar. Este é o dilema enfrentado pelo número recorde de 82,4 milhões de pessoas, de acordo com dados do relatório Tendências Globais, do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (Acnur), divulgado em junho. Com a pandemia, esses deslocamentos, que já eram perigosos e cheios de incertezas, ficaram ainda mais arriscados. Em 2020, o Brasil recebeu quase 29 mil pedidos de refúgio.

Há cinco anos, Jenniffer Espitia, 34 anos, saiu da Venezuela em busca de uma vida melhor no Brasil. "Em Brasília, há mais oportunidade para a gente arrumar emprego, e menos preconceito",

explica. A crise humanitária no país de origem fez com que ela e os familiares se juntassem aos mais de 5 milhões de venezuelanos que deixaram a terra natal para tentar a vida em outro lugar.

Quem deixou o país andino a partir de março de 2020 encontrou uma situação ainda mais complicada: fronteiras fechadas. Um dos primeiros atos do governo federal após o início da emergência sanitária no mundo foi o fechamento da fronteira terrestre com a Venezuela. Uma decisão criticada por organizações humanitárias e que só foi revista, com ressalvas, no fim de junho.

A portaria 655, publicada pela Casa Civil em 23 de junho, apesar de não abrir as fronteiras, autoriza a assistência emergencial para acolhimento de pessoas em

Reprodução/Internet



Em 2020, o Brasil recebeu quase 29 mil pedidos de refúgio. A maioria, de venezuelanos

situação de vulnerabilidade decorrente de fluxo migratório provocado por crise humanitária. "Desde o começo, foi dis-

criminatório. O primeiro ato foi fechar a fronteira com a Venezuela, e não os aeroportos, sendo que as pessoas infectadas

vinham da Europa ou da China", destaca Camila Asano, diretora de programas da Conectas.

Na última semana, o Conectas

Direitos Humanos apresentou uma denúncia ao Conselho de Direitos Humanos da ONU contra o governo brasileiro. Segundo a ONG, o Brasil implementou políticas ilegais e discriminatórias contra imigrantes em meio à pandemia. Uma delas é exatamente o barramento na fronteira. Parecer técnico da Universidade de São Paulo (USP) mostrou que não há base sanitária para barrar pessoas que vêm da Venezuela.

Durante a pandemia, mais de 160 países fecharam suas fronteiras, sendo que 99 deles não fizeram qualquer exceção para pessoas em busca de proteção internacional.

Os impactos da crise foram tão fortes no Brasil que levaram, pelo menos, seis mil venezuelanos a voltarem ao país andino. O número foi revelado pelo relatório Situação dos venezuelanos que retornaram e buscam voltar ao país no contexto da covid-19, elaborado pela Organização dos Estados Americanos (OEA) em 2020.